



Coleção Princesa Isabel: fotografia do século XIX, de Bia Corrêa do Lago e Pedro Corrêa do Lago. Rio de Janeiro: Capivara, 2008. 431 p.

Tesouro Imperial

A descoberta do arquivo de fotografias da Princesa Isabel e do Conde d'Eu traz imagens inéditas e revela detalhes preciosos da iconografia oitocentista brasileira

Larissa Ayumi Sato *

Dentro de um antigo baú de ferro, descobriu-se a existência de um arquivo iconográfico que enriquece e desperta curiosidades sobre o Brasil Imperial. O que pode parecer história do período das grandes navegações é um resumo de como foi descoberta a coleção de mais de mil fotografias do acervo pessoal da princesa Isabel (1846-1921) e do conde d'Eu (1842-1922).

Anteriormente, pensava-se que estivesse disperso entre os herdeiros do casal. No entanto, as imagens encontravam-se guardadas na casa de um membro da Família Imperial brasileira na Europa, e agora constituem o livro *Coleção Princesa Isabel: fotografia do século XIX*, de Pedro e Bia Corrêa do Lago (Rio de Janeiro: Capivara, 2008). Todo o acervo foi fotografado em alta resolução pela equipe de Chico Aragão, sob a coordenação dos proprietários, e a publicação tem o apoio de D. Thereza Maria de Orléans e Bragança, única neta viva do casal.

Bia é psicanalista e estuda fotografia e iconografia brasileiras. Pedro é economista, e também estudioso da cultura brasileira. Ambos são pesquisadores e colecionadores de tiragens originais de fotografias brasileiras oitocentistas e, desde os anos 80, já publicaram diversas obras sobre esta temática, entre as quais *Os fotógrafos do Império (2005)* e *Frans Post 1612-1680 – Obra completa (2006)*.

Ao classificar e organizar a obra, os autores optaram por reunir os trabalhos de fotógrafos brasileiros presentes no acervo. Com menor ênfase, aparecem os estrangeiros que retrataram assuntos relacionados à Família

* Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina. Mestranda em Comunicação pela mesma instituição. Bolsista da CAPES.

Imperial: D. Pedro II e esposa, D. Thereza Christina, a família de Isabel e do Conde d'Eu, com os filhos D. Pedro de Alcântara e a mulher D. Elisabeth, D. Luiz Maria e esposa D. Maria Pia, e D. Antônio Gastão, além da princesa Leopoldina, o marido Duque de Saxe, e dois de seus filhos, D. Pedro Augusto e D. Augusto Leopoldo.

Esta descoberta complementa a celebrada coleção intitulada D. Thereza Christina Maria, das fotografias de Dom Pedro II, que se encontram na Biblioteca Nacional, inscritas no registro de memória do mundo pela Unesco. Segundo os autores (p.14), “este livro é dedicado à valorização da produção brasileira na fotografia do século XIX, cujo conhecimento ampliado a Coleção Princesa Isabel vem enriquecer como nenhum outro acervo descoberto anteriormente”.

Maior levantamento já publicado da fotografia oitocentista no Brasil, a Coleção Princesa Isabel reúne em suas mais de 1100 imagens diversas vistas, retratos em formato *carte de visite* e *carte cabinet*, festejos e comemorações. Em geral, as tiragens são em albumina, estão bem preservadas pelo clima europeu, possuem muita qualidade técnica e são inéditas.

Os temas são a Família Imperial, as viagens do Conde e da Condessa d'Eu, os períodos de regência da princesa, amigos, sociedade, as províncias, ciência e tecnologia. Manobras militares, inclusive por ocasião da Guerra do Paraguai – que o conde costumava acompanhar – e as repercussões da abolição da escravatura, que aconteceu durante uma das regências da princesa, são cenas que se destacam devido às preferências conhecidas do casal. Incluem-se, ainda, variantes de tiragens já conhecidas, mas com outros detalhes e/ou qualidade e resolução de imagem mais bem preservados. Este material pode, inclusive, servir para reescrever a história do retrato e sua evolução estética.

No que diz respeito aos fotógrafos, encontram-se na coleção da princesa imagens de mestres da fotografia, de muitos desconhecidos talentosos e ainda aqueles cuja obra se mostrava até então diversa das presentes neste acervo. São nomes como Victor Frond, R.H. Klumb (que tinha livre acesso à família imperial), Insley Pacheco, Marc Ferrez, Augusto

Stahl, e Alberto Henschel, muitos deles com o título de fotógrafo da Casa Imperial.

Dentre os novos nomes, estão Ruy Santos, Sucini, Antunes, Stigaard, e Breton, além de alguns anônimos. Destaque para Papf, Durski, Lindemann, Ferreira, Elias, Fritz & Bartels, Lyra, Meyer e Lopes. No entanto, pode-se notar que muitas imagens não têm assinatura, já que o problema de autoria não era preocupação na época.

Graças a uma característica bastante peculiar deste acervo, foi possível esse trabalho de classificação por fotógrafos, de confirmação da existência de talentos desconhecidos e novos nomes ignorados. Em muitas das fotografias, há anotações do conde d'Eu com informações a respeito dos conteúdos – nomes, títulos, locais, datas, ocasiões.

Este hábito quase sempre constante permitiu a descoberta de detalhes, a resolução de dúvidas e o levantamento de novas questões até então ignoradas e a serem resolvidas no futuro. Em uma das tomadas de Arsênio Neumão da Câmara, por exemplo, descobriu-se que imagens antes tratadas como do período do exílio do imperador D. Pedro II eram na realidade da viagem que fez para tratamento de saúde, antes da Proclamação da República.

Muitas fotografias estão reunidas em álbuns, já que era costume dos fotógrafos e nobres da época oferecerem este tipo de trabalho com imagens variadas, a cada visita do conde e da condessa d'Eu pelas províncias do Brasil. Podem ser conhecidas por esta coleção vistas dos interiores das casas imperiais e hábitos domésticos da família, assim como empregados domésticos e atividades do conde.

Para se ter ideia destes trabalhos, Klumb retratou a vida íntima cotidiana da Família Imperial. Além de professor de fotografia da princesa, era estudioso de luz, e trabalhava com sobreposição de negativos e composição com natureza. No caso de Joaquim Insley Pacheco, aprendiz do fotógrafo Matthew Brady, nos Estados Unidos, trabalhou com a técnica da daguerreotipia, e introduziu no país a ambrotipia.

Os Papf fizeram vistas dos morros de Petrópolis, mesmo com dificuldades técnicas da época. Adolpho Lindemann retratou, dentre outros

temas, imagens das extintas quedas de Paulo Afonso, na Bahia. Nas vistas de Antonio Luiz Ferreira, a surpresa do instante da aprovação no senado da abolição, feita com flash de magnésio, e comemorações de 13 de maio de 1888.

É possível encontrar fotógrafos considerados pioneiros pelo trabalho com fotojornalismo, como o italiano Luiz (Luigi) Terragno, que fotografou no Rio Grande do Sul, e Felipe Fidanza, da região norte. E Juan Gutierrez, que surpreende com imagens da revolta da Armada (1893), pode ser considerado um dos primeiros mártires do fotojornalismo brasileiro, já que morreu cobrindo a revolta em Canudos.

Marc Ferrez é o autor da maior parte das fotografias preservadas da coleção, que incluem vistas do Rio, e do Nordeste a Minas Gerais, além de imagens da Marinha e da Casa Imperial, com destaque para novidades como manobras militares, retratos de índios com fundos falsos, e do meteorito de Bendegó (que caiu na Bahia).

Para quem imagina que a manipulação de fotografias é advinda da modernidade, basta observar o trabalho do alemão Alberto Henschel, que diminuiu as costas da princesa após gravidez, e de Joaquim Carneiro, que fazia fotomontagem na qual as pessoas apareciam como se fossem “gêmeos” de si mesmos.

E uma das dúvidas que esta recuperação trouxe foram fotografias de um menino indígena (compostas com muitos adereços e fundo falso, que comumente aparecem na obra de Ferrez) que aparecem com a assinatura de Teixeira e Vasquez. Afinal, quem é (são) o(s) verdadeiro(s) autor(es)?

Uma fotografia de 1920 de Pedro de Alcântara e D. Elisabeth, Princesa Isabel e Conde d’Eu, Luiz Maria e D. Maria Pia, chama a atenção por ser a única em cores da Família Imperial. Tratava-se de uma placa de vidro chamada autocromo, na qual era possível fixar cores – o que não ocorria com o papel – desenvolvida pelos irmãos Lumière, os inventores do cinematógrafo.

Outra curiosidade presente no acervo é a presença de álbum com retratos de detentos cujas penas estão anotadas no verso. Também por

meio das imagens, é possível detectar, por exemplo, a influência do conde d'Eu na vida da princesa – muito restrita antes da união.

Na orelha da publicação, Joaquim Marçal Ferreira de Andrade escreveu que: “A Coleção Princesa Isabel – que ressurgiu agora para dialogar com a já célebre coleção do Imperador D. Pedro II – nos traz surpreendentes revelações e muito contribuirá para o avanço dos estudos históricos da nossa fotografia e da nossa sociedade no século XIX. Ela vem iluminar algumas das áreas ainda obscuras, preencher lacunas, esclarecer dúvidas e, acima de tudo, provocar e renovar os debates sobre alguns dos temas mais palpitantes, quando lidamos com as imagens do nosso passado.”

Pedro e Bia Corrêa do Lago chamam a atenção para a importância histórica das imagens pela beleza, originalidade de pontos de vista, inteligência de composição, surpresa dos recortes, sinceridade na psicologia dos retratados, magnitude da natureza observada e noção do momento congelado. Ainda nas palavras dos autores, na página 29: “Todos os retratados estão mortos há muito tempo e vivem hoje seus tataranetos. Muitos jamais suspeitaram que reviveriam cem ou cento e cinquenta anos mais tarde graças àquele instante de suas vidas que o fotógrafo aprisionou num simples gesto, e transformou em imagens perenes.”